

Criação sem criador: uma análise das teorias de tradução de Yoko Tawada em “Tawada Yoko não existe” em diálogo com Jorge Luis Borges em “A biblioteca de Babel”

Creation Without a Creator: An Analysis of Yoko Tawada's Theories of Translation in “Tawada Yoko não existe” in Dialogue with Jorge Luis Borges' “A biblioteca de Babel”

Marianna Ilgenfritz Daudt¹

Resumo: A tradução, enquanto prática literária e reflexão crítica, é tema recorrente nas obras de Yoko Tawada e de Jorge Luis Borges. Com este artigo, objetiva-se traçar um paralelo entre conceitos desses dois autores, cujas produções ficcionais incorporam e tensionam concepções teóricas acerca da língua, da autoria e da originalidade, tendo-se em vista o fato de que partem de contextos históricos e culturais bastante distintos: Tawada, escritora nipo-germânica, apresenta sua narrativa em 2004, em uma conferência em San Diego, e Borges, escritor argentino, publica seu conto na Argentina da década de 1940. Os autores desenvolvem, cada um à sua maneira, uma abordagem em que a escrita literária e a tradução se apresentam como práticas indissociáveis, funcionando como ponto de partida para reflexões estéticas e teóricas. Ambos situam a tradução em uma perspectiva crítica que evidencia como as posições políticas e hierárquicas dos envolvidos no circuito de leitura e escritura moldam tanto a abordagem quanto o discurso utilizado para estabelecer distinções entre o texto original e o texto traduzido. Para abordar as reflexões que Tawada e Borges articulam em torno da tradução, este artigo analisa as narrativas “Tawada Yoko não existe” (2017), de Tawada, e “A biblioteca de Babel” (1974)[1944], de Borges, com fundamentação teórica constituída sobretudo em ensaios críticos assinados pelos próprios autores. Inicialmente apresentam-se brevemente as concepções de literatura e tradução em Tawada e em Borges, de modo a contextualizar sua aplicação nas narrativas selecionadas. Em seguida, as obras serão analisadas com atenção à forma como os conceitos discutidos se manifestam na ficção. A distância das circunstâncias históricas e culturais em que escrevem contribui para evidenciar o alcance universal e a permanente atualidade das questões ligadas à tradução, especialmente quando observadas a partir de perspectivas não-hegemônicas. Embora abordem o tema por caminhos diversos, os dois autores convergem em pontos fundamentais, como a crítica à noção de originalidade dos textos e a problematização da figura do autor, aspectos que estarão no centro da análise aqui proposta. A partir disso, evidenciam-se alguns dos preceitos fundamentais da criação literária e da tradução, explorando como imagens ficcionais podem funcionar como veículos de crítica e de teoria.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Estudos da tradução; Yoko Tawada; Jorge Luis Borges.

Abstract: Translation, as a literary practice and critical process, is a recurring theme in the works of Yoko Tawada and Jorge Luis Borges. The aim of this article is to draw a parallel between the concepts of these two authors, whose fictional productions embody and tension theoretical concepts about language, authorship and originality, bearing in mind the fact that they come from very different historical and cultural contexts: Tawada, a Japanese-German writer, presents her narrative in 2004 at a conference in San Diego, and Borges, an Argentine writer, publishes his

¹ Doutora em Letras pela UFRGS; Pós-doutoranda em Letras na UFRGS. maridaudt@gmail.com

short story in Argentina in the 1940s. The authors develop, each in their own way, an approach in which literary writing and translation are presented as inseparable practices, operating as a starting point for aesthetic and theoretical reflections. Both place translation in a critical perspective that highlights how the political and hierarchical positions of those involved in the reading and writing circuit shape both the approach and the discourse used to establish distinctions between the original text and the translated text. In order to address the thoughts that Tawada and Borges articulate around translation, this article analyzes the narratives “Tawada Yoko não existe” (2017), by Tawada, and “A biblioteca de Babel” (1974)[1944], by Borges, with a theoretical foundation consisting mainly of critical essays signed by the authors themselves. Initially, the concepts of literature and translation in Tawada and Borges are briefly presented, to contextualize their application on the selected narratives. Next, the works will be analyzed with a focus on how the concepts discussed are expressed in the fiction. The distance from the historical and cultural circumstances in which they are written contributes to highlighting the universal reach and permanent topicality of translation issues, especially when observed from non-hegemonic perspectives. Although they approach the subject in different ways, the two authors converge on fundamental points, such as criticizing the notion of originality in texts and questioning the figure of the author, aspects that will be at the heart of the analysis proposed here. On this basis, some of the fundamental precepts of literary creation and translation are highlighted, exploring how fictional images can function as vehicles for criticism and theory.

Keywords: Comparative Literature; Translation Studies; Yoko Tawada; Jorge Luis Borges.

Introdução

Com o presente artigo pretende-se traçar um breve paralelo entre as contribuições de Yoko Tawada e de Jorge Luis Borges ao pensamento teórico sobre tradução levando-se em consideração o fato de ambos serem escritores de literatura ficcional que imbricam seus posicionamentos teóricos em relação à literatura e à tradução em sua produção ficcional, e tendo-se em vista a distância geográfica e temporal que os separa. Com o objetivo de contemplar as discussões que os autores abordam em seus textos, serão comentadas as narrativas “Tawada Yoko não existe”² (2017), de Tawada, e “A biblioteca de Babel”³ (1974) [1944], de Borges, tendo como principal aporte teórico ensaios críticos dos próprios autores. A diferença dos contextos de escrita e reflexão de Tawada e de Borges tem o importante papel de marcar a universalidade e, ainda mais, a permanente atualidade e necessidade de se discutir o tema da tradução a partir de pontos de vista não-centrais. Os dois escritores debatem o tema da tradução sob diversos ângulos, e neste artigo o foco recairá em suas convergências acerca da dessacralização da figura do autor e da inadequação do conceito de texto original.

179

² As citações do texto “Tawada Yoko não existe” são apresentadas em tradução de Lúcia Collinschon de Abreu, conforme consta nas referências. As demais citações de Tawada são traduções livres da autora deste artigo.

³ As citações do texto “A biblioteca de Babel”, presente nas Obras Completas de Borges da editora Emecé, de Buenos Aires (1974) são apresentadas em tradução extraída do site Café literário, conforme constam nas referências. As demais citações de Borges são traduções livres da autora deste artigo.

Note-se que os contextos de escrita e os contextos mesmo de discussão dos tópicos mencionados são profundamente diferentes: Borges escreve seu conto na Argentina da década de 1940, e Tawada apresenta sua narrativa em 2004, em uma conferência em San Diego. No entanto, diversas de suas falas compartilham noções sobre as mesmas temáticas, como é o caso do que será comentado neste artigo, mas seguem-se para muito além do que permite este espaço. As ideias de Borges, em seu tempo e lugar eram consideradas bastante inovadoras, e respondiam a uma necessidade crítica de se renovarem as tradições locais e de reconfigurar as hierarquias previamente estabelecidas entre centro e periferia. Depois dele, muitos críticos, teóricos e filósofos de todo o mundo vieram a abordar os temas da literatura e da tradução em linhas que lhe são convergentes, e essas propostas deixaram, há tempos, de serem novas. Apesar disso, escritores e pensadores atuais, como Yoko Tawada, continuam vendo a necessidade de explorar esses assuntos, especialmente em países que recebem grande quantidade de imigrantes, como a Alemanha, e onde há um espaço literário construído e estabelecido por eles. Esta confluência de ideias em contextos culturais tão díspares demonstra o quanto a temática da tradução tem um caráter transnacional e se desdobra em questões que ultrapassam o texto e a língua para abranger política, nacionalidade e à própria forma do sujeito estar no mundo.

180

Yoko Tawada, nascida em 1960, é uma escritora japonesa que vive na Alemanha desde 1982 e escreve e publica romances, contos, ensaios e poesias, tanto em japonês como em alemão, representando o que se chama de literatura exofônica – ou seja, aquela produzida em uma língua diferente da materna. O trabalho de Tawada é bastante aclamado por suas características multilíngues e interculturais, e a autora já ganhou diversos prêmios internacionais e nacionais da Alemanha e do Japão. O renomado escritor, além de crítico literário e tradutor, Jorge Luis Borges nasceu na Argentina em 1899 e faleceu em 1986, e é considerado uma figura-chave para a literatura tanto de língua espanhola quanto para a literatura universal.

Borges e Tawada desenvolvem um processo semelhante de utilizar a escrita literária e a tradução como atividades praticamente indissociáveis e como ponto de partida para reflexões estéticas, éticas e hermenêuticas que discutem não apenas a posição do escritor, do tradutor e do leitor no sistema de leitura, mas em seu próprio estar no mundo. Ambos colocam a dimensão hermenêutica da tradução em uma perspectiva crítica que evidencia o quanto a posição política/hierárquica dos sujeitos envolvidos no sistema de leitura/escritura conforme a abordagem e o discurso utilizado para classificar hierarquicamente o texto considerado original e a sua tradução.

Neste trabalho, em um primeiro momento, pretende-se comentar brevemente a forma como compreendem a literatura e a tradução de Tawada e de Borges utilizando-se aspectos teóricos expostos pelos autores em ensaios e entrevistas, com a proposta de melhor evidenciá-los nas narrativas selecionadas, “A Biblioteca de Babel” (1974) [1944], e “Yoko Tawada não existe” (2017). Logo a seguir, as narrativas serão apresentadas e analisadas dando-se destaque a como, nas ficções, manifestam-se as teorias previamente discutidas. O objetivo desse processo será discutir a literatura e a tradução em alguns de seus mais fundamentais preceitos de criação por meio de imagens literárias que se desdobram em crítica e em teoria.

Perspectiva Crítica

Como foi mencionado anteriormente, um aspecto que pode ser observado nos trabalhos de Tawada e de Borges é como suas teorias sobre tradução estão intimamente ligadas às suas ficções e a todo seu ato de escrita, tornando-se mesmo a própria ficção em alguns casos. Ambos se sentem livres para criar textos e narrativas que não necessariamente seguem um padrão formal que se encaixe nos gêneros literários convencionais, de modo que seus contos podem trazer reflexões que mais se assemelham a ensaios teóricos ou, ao contrário, seus ensaios teóricos, palestras e mesmo entrevistas, muitas vezes contêm narrativas ficcionais aplicadas. Essa liberdade, por um lado, faz com que se criem textos ricos e complexos, que se complementam e demonstram o espaço fértil de discussão que pode resultar do cruzamento entre os campos teórico e ficcional, e, por outro lado, torna delicada a tarefa de se extrair deles suas ideias, de analisá-las com a intenção de incorporá-las a uma teoria geral do pensamento dos autores.

Sobre isso, destaque-se que Borges não articula de forma explícita teorias acerca da tradução, ou da leitura e da escrita. Segundo Waisman (2005, p. 46), Borges afirmou em entrevista que não acreditava, nem tampouco sustentava, nenhuma teoria de tradução, apenas afirmava se recusar a utilizar qualquer método específico abarcador ou a programas que impusessem ao tradutor um enfoque determinado. Sua tônica recaía em repensar os conceitos sobre textos originais e traduções, sugerindo que não existem “textos definitivos”, apenas “rascunhos e versões” (WAISMAN, 2005, p.47). Para Borges, uma tradução não seria considerada inferior ao texto original, pelo contrário, muitas vezes o tradutor, em geral proveniente das margens, por meio da tradução, encontrava a possibilidade de reler, reescrever e recontextualizar textos originários do centro.

Tawada, por sua vez, em seus textos e entrevistas, busca celebrar o estranhamento, ou chegar a uma ilegibilidade mágica, sustentando que uma tradução deve perseguir obsessivamente a literalidade, não havendo desvantagem alguma em o

leitor ter a consciência de que está lendo uma tradução. Pelo contrário: na sua opinião, esse fato representaria um critério de qualidade para uma tradução, que ela considera um texto independente e que está no mesmo nível da literatura. De qualquer modo, também não há um programa ou se dá grande importância a métodos, apenas se refere a liberdade do tradutor e à inadequação de uma quase sempre recomendada busca pela fidelidade ao texto original.

Com isso, ainda que nenhum seja claro ou explícito em relação a formular uma teoria, pois o material e os comentários que disponibilizam são pouco claros ou mesmo contraditórios, é possível depreender de seus textos e falas que possuem uma teoria, não específica, mas de amplo potencial teórico literário e cultural que converge para uma reformulação dos modos habituais de se compreender a relação entre as culturas e os textos de partida e de chegada, aumentando o poder da tradução e colocando em xeque a relevância dos discursos do centro em relação às periferias.

Ambos os autores possuem ampla gama de textos e teorias que abordam diferentes aspectos da compreensão sobre a literatura, sobre a leitura de textos, sobre a apreciação mesmo de obras artísticas de modo geral, e sobre a tradução, que seria uma prática a ser vista como base de todos esses conceitos, e que faz parte de todos eles. Dois pontos fundamentais e complementares a se destacarem nos conteúdos produzidos por Tawada e por Borges são a dessacralização da figura do autor de um livro e a inexistência de um texto original, um texto que seja precedente a outros, especialmente em termos de tradução.

A busca pela fidelidade na tradução sempre esteve na base de quase todas as teorias aceitas, ainda que ao longo do século XX as formas de se pensar as teorias de tradução tenham passado por profundas transformações. Passando por Benjamin, Derrida, Kristeva, Genette e tantos outros críticos e teóricos que contribuíram e contribuem para a renovação dos estudos de tradução, as teorias que preconizam as traduções ditas fiéis poderiam ser consideradas obsoletas e deixadas para trás, porém apesar de tantas mudanças de paradigmas, ainda se ouve e se lê na crítica e nas mídias uma maioria de vozes que exige incessantemente que as traduções sejam fiéis, que os textos tenham sua essência mantida, e que os sentidos estejam todos infalivelmente preservados nas traduções. Se Borges respondia na Argentina às vozes de sua época, que repetiam, deslocadas, as exigências provenientes das metrópoles, Tawada responde na Alemanha, ainda hoje, às mesmas exigências, agora deslocadas no tempo, mas ainda provenientes de uma lógica centralizadora que nunca deixou de estar presente.

Por meio da derrubada de noções que historicamente fundamentaram a primazia dos textos escritos em uma língua quase sempre originária de um centro de poder, os dois

autores subvertem a hierarquia que rege as relações de poder e dominação cultural e apontam para o potencial de renovação das tradições e para a produtividade de se compreenderem as obras como entidades livres e por múltiplas perspectivas. Colocando o tradutor em um papel central para a difusão das obras e para a reflexão estética da literatura, Borges apresenta e problematiza essa função da tradução no contexto da América Latina ainda na primeira metade do século XX, e Tawada o faz em um contexto amplamente intercultural, trazendo seu ponto de vista de escritora japonesa que passa a viver na Alemanha e a escrever em um contexto linguístico exofônico, de língua não materna.

Para Tawada, o viver em contexto de constante tradução trouxe a oportunidade de refletir sobre a relação dos indivíduos com a língua. A autora passa a compreender a exofonia como uma condição normal, com a qual já se nasce, e se questiona sobre o que é a língua materna e em que medida ela poderia se diferenciar de uma segunda língua, uma língua estrangeira. Ela explica ser a língua que se aprende na infância tão estrangeira quanto qualquer outra, pois a criança tem de se confrontar com signos cujo significados são dados, ou seja, ela tem de aprender a lidar com uma língua pronta e conhecer seus significados de uma forma semelhante como se aprende uma língua estrangeira. Em uma entrevista Tawada conta como, quando criança, via as palavras como se fossem pedras que podiam ser atiradas nas pessoas e lembra:

Sempre que eu atirava nas pessoas uma palavra cujo significado ainda não conhecia bem, podia ver que surgiam ondas. E essas palavras que eu atirava eram da minha própria língua materna, o japonês - que, na época, ainda era estrangeira para mim. Nós aprendemos a língua materna como primeira língua estrangeira (TAWADA, 2012, p. 41).

Indo além e estendendo a ideia ao tópico da tradução, Tawada observa que a língua em si já é a tradução de uma composição amorfa de pensamentos e elementos pré-linguísticos que tornam o conceito de original não mais do que uma idealização. Na esteira de tais concepções, Tawada questiona o conceito de língua, de escrita e da própria possibilidade de um texto ser original:

Normalmente, chamamos de original o texto escrito que surgiu antes, mas a verdade é que existem outros “antes”, antes que esse texto estivesse definitivamente no papel. E mesmo que já se esteja no momento em que se escreve, corretamente formulado, essa será a tradução de uma ideia. A própria ideia é traduzida para o idioma certo, logo esse texto também não é original. Portanto, não existe original! (TAWADA, 1998, p. 14).

A ideia de um original sem original, bem como a dicotomia entre a necessidade e a impossibilidade de se buscar um sentido pleno, levam à constatação de que a escrita não passa de uma abstração. Assim, a liberdade de transpor e transformar textos resulta da impossibilidade de um compromisso com uma realidade que não existe. De acordo com suas teorias, os textos são fundamentalmente interligados, e a tarefa do tradutor é fazê-los dialogarem e se modificarem. Esse conceito fica de acordo com a posição de Borges em “As versões Homéricas” (1974), ao afirmar seu ceticismo com relação à existência de um original e uma cópia, e à decorrente sacralização da literatura. Para o escritor, todos os textos são esboços, modelos que refletem as inúmeras possíveis repercussões e impressões de um objeto no plano verbal:

O modelo proposto à sua imitação é um texto visível, não um labirinto inestimável de projetos pretéritos ou a acatada tentação momentânea de uma facilidade. Bertrand Russell define um objeto externo como um sistema circular e radiante de possíveis impressões; o mesmo pode ser dito de um texto, dadas as repercussões incalculáveis do verbal. [...] (Não há necessidade essencial de mudar a língua, este jogo deliberado de atenção não é impossível dentro de uma única literatura.) (BORGES, 1974, p. 239).

Destaque-se que, mesmo dentro do idioma, existem diversas perspectivas de um mesmo fato móvel, uma livre prática de omissões e ênfases na leitura do texto – que sempre pode ser lido e compreendido de maneiras distintas, inclusive pelo próprio autor. Quando se coloca em questão a superioridade de um começo incontestável chega-se à ideia de que não há ponto de partida absoluto, e que os textos se escrevem e se leem a partir da escritura e da leitura de muitos outros, e não apenas em uma direção temporal, mas em relação ao passado e ao futuro, criando-se uma série de versões que se refletem de forma múltipla, como bem ilustram os vestíbulos espelhados e as escadas que sobem e descem rumo ao infinito do conto “A Biblioteca de Babel” (1974), que será tratado adiante.

Um exemplo de como o Borges amplia o alcance dos textos, ao trazer a possibilidade de atuarem nas duas direções temporais e influírem tanto nas leituras posteriores como nas anteriores encontra-se no ensaio “Kafka e seus precursores” (1974), no qual o autor enumera algumas obras célebres ao longo de diferentes tempos que lhe traziam a impressão de portar a voz e os hábitos de Kafka, por isso poderiam ser consideradas suas precursoras. Ao final, Borges chama a atenção para o fato de as peças, apesar de portarem semelhanças com Kafka, serem heterogêneas entre si. Por isso, mesmo que em cada um daqueles textos residisse a “idiossincrasia de Kafka, [...] se Kafka não tivesse escrito, não a perceberíamos” (BORGES, 1974, p. 711), ou seja, esse vínculo sequer

existiria. Deste modo, uma obra não apenas resulta de toda uma tradição de textos, como tem o poder de remodelar, refinar a leitura de textos precedentes: “O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção de passado, assim como há de modificar o futuro” (BORGES, 1974, p. 711). Com essa liberdade de deslocamento dada à repercussão do texto, o autor reitera, ainda, a necessidade de se purificar a palavra “precursor” das conotações polêmicas e de rivalidade que usualmente porta.

As definições sobre a inadequação de se buscar um texto original que preceda a outros e a força que se dá ao papel da tradução aludem fortemente aos deslocamentos que se produzem entre o que se quer dizer/escrever e o que é dito/escrito, e entre o momento e o lugar da escritura e sua leitura, que se modifica e cria novos sentidos a cada novo contato. Compreendendo-se que a tradução permeia todo o processo de compreensão de obras literárias, os autores tratados neste artigo incluem em suas narrativas metáforas e imagens que ilustram suas ideias, como no caso das intermináveis voltas por bibliotecas dadas em busca de um autor há muito desaparecido da história que Tawada conta em “Yoko Tawada não existe” e na descrição da biblioteca e suas lendas do conto “A Biblioteca de Babel”, de Borges, que serão abordadas a seguir.

Voltas infinitas no tempo

Considerado um dos mais complexos textos de Borges, o conto “A Biblioteca de Babel”, foi publicado pela primeira vez em 1944, e é a descrição de uma biblioteca infinita, um universo de conhecimentos que pode responder a todas as dúvidas e angústias humanas, e que mesmo pré-existe a elas, pois existe desde sempre. A biblioteca tem um formato constante que se estende indefinidamente pelo tempo e pelo espaço. Enquanto descreve a biblioteca, Borges narra sobre os bibliotecários e suas imperfeições, sobre eventos e lendas ocorridos em seu interior, sobre homens buscando, sem encontrar, seu fim ou seu sentido, sobre os livros que existem e que são escritos de todas as formas e em todas as línguas. Dois axiomas regem a existência da biblioteca: “a biblioteca existe *ab aeterno*”; e “o número de símbolos ortográficos é vinte e cinco”. A partir desses elementos primordiais, algumas leituras podem ser inferidas em consonância com a postura do autor sobre os elementos em discussão.

Ao descrever uma realidade em que o mundo poderia estar contido em uma biblioteca infinita, Borges cria uma metáfora que confunde mundo e literatura, e confunde os próprios criadores com suas criaturas, pois todos podem escrever livros, e passar a fazer parte da criação do universo – desde que sigam, é claro, a constante dos 25 símbolos que fazem parte da natureza dessa criação. O sujeito autor-criador pode entrar

no espaço infinito da biblioteca e, nesse sentido, gera-se um paradoxo, pois se todos os livros já existem, qualquer texto será uma repetição, uma reescritura que apenas entrará novamente na linha temporal, sendo recontextualizada e lida de novas formas por novos leitores que, por sua vez, a utilizarão como base para a escritura de novos livros e assim sucessivamente, em um eterno duplicar-se por espelhamento, como sugere o espelho descrito no vestíbulo da biblioteca:

No vestíbulo há um espelho, que fielmente duplica as aparências. Os homens costumam inferir desse espelho que a Biblioteca não é infinita (se o fosse realmente, para que essa duplicação ilusória?), prefiro sonhar que as superfícies polidas representam e prometem o infinito... (BORGES, s/d. s/n.)

A duplicação das aparências proporcionada pelo espelho é ilusória para os homens, e seria, para eles, a prova de que a biblioteca não é infinita. Esta, porém, não é leitura do autor/narrador, que justamente busca demonstrar que o espelhamento é o gerador da infinitude. A este propósito, o autor coloca a imagem do espelho exatamente no estreito vestíbulo por onde “passa a escada espiral, que se abisma e se eleva ao infinito”, e, não por acaso, utiliza (ironicamente?) o termo “fielmente” duplica as aparências, uma alusão ao termo tão difundido para descrever, ou exigir, uma tradução considerada boa ou aceitável.

A alegoria do vestíbulo com seu espelho e sua escada infinita, dessa forma, pode ser examinada em harmonia com a teoria de que a cada leitura um texto ganha novos sentidos e interpretações, seja mesmo dentro de sua própria língua. Em “As duas maneiras de traduzir” (BORGES, 2012), utiliza o exemplo das traduções de Edgar Allan Poe ao espanhol, e as objeções que poderiam ser colocadas à poesia traduzida, por melhor ou mais fidedigna que fosse: “Alguém objetará que a versão de Pérez Bonalde, por mais fidedigna e satisfatória que seja, nunca será para nós o que o seu original inglês é para os americanos” (BORGES, 2012, p.1). Contra-argumenta, porém, lembrando que um autor portenho escreverá poesias na mesma língua de um leitor chileno e, no entanto, as imagens que descreverá não parecerão a este tão ricas e cheias de conotações como a um leitor portenho, que conhece as imagens e locais, e poderá lhes atribuir certos sentidos que serão ausentes a qualquer outro leitor de outros locais, ou seja, os versos “a um estrangeiro não parecerão mais pobres; serão mais pobres. Sua riqueza representativa será menor” (BORGES, 2012, p.1). Os textos, portanto, terão sempre valores diferentes entre os

leitores, independentemente se traduzidos ou não, pois sofrem deslocamentos em relação ao momento e ao lugar em que foram escritos e em que são lidos.

Desta forma, um mesmo livro se repete a cada leitura em suas letras e símbolos, mas se renova em termos de recepção, de contextos e de compreensões, e esta é a ordem de um mundo em que a comunicação se faz por meio de símbolos limitados – e a metáfora pode se estender para além dos símbolos ortográficos, pensando-se em quaisquer unidades de comunicação, como as fonológicas ou artísticas – e atravessa tempos, espaços, línguas e culturas:

Atrevo-me a insinuar esta solução do antigo problema: A Biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajante a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem). (BORGES, s/d. s/n.)

Outro ponto a se destacar no conto é a diluição do conceito de autoria e a consequente dessacralização da figura do autor. Partindo-se do axioma do número limitado de caracteres e do paradoxo da recriação infinita, coloca-se em questão a ideia de uma autoria primeira sobre os textos. Como encontrar um primeiro texto de um primeiro autor se as escadas das galerias da biblioteca se estendem rumo a um abismal infinito? A busca por um texto original sobre outros torna-se infactível. Pelo contrário, todos os livros são originais, ainda que muitos deles sejam “a variação quase igual um do outro” (BORGES, s/d, s/n.). A ideia da recombinação de elementos está presente em alguns dos ensaios de Borges e, em “As versões homéricas”, o autor a utiliza para discorrer sobre a “superstição da inferioridade das traduções” (BORGES, 1974, p.239) e, mais uma vez, coloca em questão as teorias mais difundidas e aceitas sobre tradução, especialmente quando se leva em consideração a data em que o texto foi escrito, que atribuíam uma aura de sacralidade ao texto original, deixando a tradução no papel de mera cópia imperfeita:

Pressupor que toda qualquer recombinação de elementos é necessariamente inferior ao seu original é pressupor que o rascunho G é necessariamente inferior ao rascunho H - já que só pode haver rascunhos. O conceito de texto definitivo não corresponde senão à religião ou ao cansaço. (BORGES, 1974, p.239)

No mesmo ensaio, Borges pondera que desconhecer o idioma fonte de um texto é o que dá ao leitor a possibilidade de desfrutar de uma grande quantidade de versões. Sem um necessário compromisso de honra com um texto fonte, sem sequer a necessidade

de buscá-lo, a figura do autor deixa de ter relevância. Em a Biblioteca de Babel, Borges ilustra essa busca supersticiosa pelo texto perfeito e primeiro com a lenda do Homem do livro:

Também sabemos de outra superstição daquele tempo: a do Homem do Livro. Em alguma estante de algum hexágono (raciocinaram os homens) deve existir um livro que seja a cifra e o compêndio perfeito de todos os demais: algum bibliotecário o consultou e é análogo a um deus. Na linguagem desta área persistem ainda vestígios do culto desse funcionário remoto. Muitos peregrinaram a procura d'Ele. Durante um século trilharam em vão os mais diversos rumos. Como localizar o venerado hexágono secreto que o hospedava? Alguém propôs um método regressivo: Para localizar o livro A, consultar previamente um livro B, que indique o lugar de A; para localizar o livro B, consultar previamente um livro C, e assim até o infinito... (BORGES, s/d. s/n.)

O livro referido no conto é o livro primordial, a cifra e o compêndio de todos os outros, mas nunca foi encontrado, a não ser por outra lenda, dado que o homem que o teria consultado também nunca foi visto. Análogo a um deus, esse homem seria o único leitor de um único original. Note-se, porém, que o tal homem não é um deus, mas análogo a ele. Não se fala no autor do lendário livro, o livro próprio é a entidade geradora da sacralidade, capaz de tornar seu único leitor algo próximo do sagrado. Ou seja, na gênese da criação literária não há um deus, não há um primeiro criador de uma primeira obra, há apenas um primeiro leitor. No cerne da própria dessacralização da ideia de autoria, a passagem indica que não importam, ou não existem, autores de livros, apenas seus leitores.

Não havendo uma razão que não corresponda à superstição, uma busca de viés irracional ou religioso, para acreditar-se em um texto fonte, pré-existente ou definitivo, abre-se espaço para uma troca de qualidades, um espaço de diálogo entre obras, ao mesmo tempo em que legitima as versões e, intrinsecamente, as leituras e ressignificações de ambientes não necessariamente estabelecidos no centro, como é o caso de seu ponto de partida, a América Latina. Em uma mesma toada, encontram-se as propostas de Yoko Tawada, assim como em Borges, distribuídas em ensaios e contos que analisam de um ponto de vista externo teorias há muito estabelecidas e difundidas a partir das regiões centrais, sempre mais fortes e impositivas. A natureza subversiva dos textos traz inversões e estranhamentos que, em sua contraversão, ganham potencial ficcional em narrativas de viés surreal cujo peso simbólico e metafórico inclui muitas instâncias psicológicas e possibilidades interpretativas.

Nesse sentido, a metafísica de “A biblioteca de Babel”, a busca por um livro em uma língua passada e o percorrer de bibliotecas, encontra algumas semelhanças com o

ensaio “Tawada Yoko não Existe”, em que Tawada questiona o conceito de texto original e a própria existência física do autor, marcando sua fluida visão de criação e de autoria, que desestabiliza a ideia de autoridade sobre os textos. O ensaio é fortemente marcado pela perspectiva da cultura japonesa da autora sobre a noção de criação e de autoria sobre obras literárias que se encontra na tradição europeia, e faz uma analogia com a noção de criação das religiões monoteístas.

O texto traz uma série de considerações e ilustrações que apontam para a forma com que os textos ganham autonomia quando são lidos e abandonam a intenção, a voz e a imagem de seu autor, que se desvanece no mesmo instante em que escreve. O ponto culminante do ensaio é uma proposta em forma narrativa que se imagine uma realidade futura em que um estudante busca informações sobre o autor de um livro que, descobre depois de muitas voltas por muitas bibliotecas ao redor do mundo, não existe mais em sua língua original, pois mesmo essa língua deixou de existir. O estudante chama-se D, em alusão a Dom Quixote, e a autora do livro buscado é a própria Yoko Tawada, que deixou de existir.

Na parte inicial do ensaio, Tawada observa que na cultura japonesa, não há o pensamento de que um deus tenha produzido a humanidade, ao contrário das religiões monoteístas, que atribuem um criador ao universo, e tais visões de mundo parecem se estender à forma com que se vê a relação entre o escritor e sua obra literária em cada uma dessas linhas de concepção:

não parece ter havido, no Japão, o pensamento de que um Deus produziu a humanidade, o que significa que, no Japão, a coisa conhecida como humanidade foi criada sem nenhum “criador”. O Deus de uma religião monoteísta é um homem que cria filhos com ou sem uma esposa; e parece que o “criador” de obras literárias compartilha algumas dessas características, pelo menos no Ocidente. (TAWADA, 2017, p. 208)

Tawada prossegue com comentários sobre o fato de as religiões monoteístas conceberem deuses no papel de grandes criadores do mundo e da humanidade, observando a sacralidade atribuída, a partir do Iluminismo, aos escritores da tradição europeia como “criadores” de obras literárias. Para a autora, nos últimos anos, a relação dos leitores com o autor do texto tem mudado um tanto, pois houve uma aproximação entre eles devido à difusão das fotografias, à possibilidade de se viajar com maior facilidade para encontrar o autor dos textos em palestras e de se comparar aquele autor idealizado com a pessoa que, de fato, escreveu o texto. Assim, o corpo do autor também ganha importância, suas peculiaridades, mesmo assim, ele não deixa de ser visto como

uma entidade idealizada como a única capaz de decifrar o sentido único e infalível daquilo que escreveu, como uma espécie de posse de criador sobre sua criatura. Para Tawada, um texto começa um processo de autonomia no exato momento em que é escrito, e seu autor morre quando o deixa ao mundo, ou ainda antes, um o manuscrito começa seu processo de transformação antes mesmo de o autor morrer. (TAWADA, 2017, p. 209) A este propósito, escreve:

“Deus está morto”, proclamou Nietzsche, e isso muito antes de Roland Barthes proclamar a morte do autor, o que sugere que pode haver um período de tempo em que o autor ainda vivia, mesmo que Deus já estivesse morto. Durante esses anos, os escritores permaneceram sendo os últimos deuses, mas com exílios e mortes; parece ter sido um tempo difícil para eles. (TAWADA, 2017, p. 209)

É clara a afinidade com a proclamação da “morte do autor” de Roland Barthes em toda a escrita do texto de Tawada, e há também uma proximidade de Barthes com as propostas de Borges. Para Barthes (2001), a figura do autor não poderia ser a origem de um texto precisamente pelo fato de a escrita ser, em si, um lugar de pluralismo discursivo, o que prevê a destruição da ideia de origem. Desloca-se para o leitor, em sua experiência, em seu tempo, em seu contexto cultural, portanto, o papel, também discursivo, de interpretar e recriar a unidade do texto. A familiaridade de Tawada com as ideias barthesianas de que os textos literários, enquanto superfícies de discurso, não permitiriam que um sentido autoral pudesse ser alcançado, fazem com que ambos os autores compartilhem uma lógica que desdobra, no campo literário, os argumentos filosóficos de Derrida – e de outros teóricos posteriores –, quando ele critica a metafísica da presença e o logocentrismo. As conclusões desse debate sugerem que não existem fatos extratextuais e/ou extralinguísticos que, por uma suposta possibilidade de transmissão, sejam capazes de limitar os sentidos que se podem conferir aos sistemas de signos. Nessa toada, Barthes apresenta o texto como travessia, uma entidade de múltiplas interpretações:

O texto é plural. Isso não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido: um plural irreduzível (e não apenas aceitável). O texto não é coexistência de sentidos, mas passagem, travessia; não pode, pois, depender de uma interpretação, ainda que liberal, mas de uma explosão, de uma disseminação. O plural do texto deve-se, efetivamente, não à ambiguidade de seus conteúdos, mas ao que se poderia chamar de pluralidade estereográfica dos significantes que o tecem (etimologicamente, o texto é um tecido) (BARTHES, 2001, p. 70).

O texto, dessa forma, não poderia ser ele mesmo a não ser por sua diferença, uma rede de ecos, citações, referências e linguagens. Em “Tawada Yoko não existe”, comenta-se, então, como, na descrição de alguns dos nomes em japonês utilizados para “autor”, invertem-se os papéis do objeto descrito e do autor, como se a escritura obedecesse a uma ordem estabelecida pelas coisas, apenas “secretariada” pelo escritor:

A propósito, os autores têm uma variedade de nomes no Japão. Nós chamamos aqueles que escrevem de sakusha, sakka, chōsha ou shōsetsuka. Meu favorito é o decididamente informal monogaki, “escritor de coisas”. Além disso, em japonês, kaku, a palavra usada para o ato de escrever com uma caneta tinteiro, veio da mesma fonte que kaku, a palavra usada para o ato de cavar trincheiras, de arranhar e cavar sulcos na terra. Então, lembramos que a “coisa”, em monogaki, o “escritor de coisas”, está semanticamente conectada a mononoke, um changeling, uma troca. Isso significa que esse “escritor de coisas” também descreve uma pessoa embrenhada em meio a esses mononoke e transmorfo, uma pessoa sob o feitiço das coisas. O escritor pega o que as coisas disseram e as transforma em formas ao arranhar linhas, ao produzir as feridas e cicatrizes no papel que chamamos de texto (TAWADA, 2017, p. 209).

Como em Borges, a autora expõe como os textos contêm inúmeras possibilidades de interpretação completamente autônomas e válidas, independentemente da intenção dos autores. Considerando tudo isso, ela propõe que se imagine uma realidade daqui a mil anos, quando a “não existência do autor será ainda mais evidente” e o “próprio significado da não existência do autor será outro” (TAWADA, 2017, p. 215). Nessa realidade, ao longo do tempo, a língua dos Estados Unidos teria passado a ser o espanhol; nos livros, há muito teria caído em desuso a colocação de informações bibliográficas, mesmo o nome do autor, e um único livro seu teria restado na biblioteca de San Diego, uma tradução do italiano para o espanhol. Nesse contexto, um estudante pega o tal livro, há muito tempo ignorado, e resolve fazer uma pesquisa sobre o autor. Disso, desenrola-se sua busca pelo texto original, que o levaria ao nome do autor, ao redor de inúmeras bibliotecas do mundo e em diversas línguas tentando descobrir a identidade do escritor. Depois de muitas voltas, ele retorna a seu ponto de partida e encontra a última pista possível: um livro do mesmo escritor que continha o texto procurado na seção da antiga língua inglesa. O livro, porém, continha textos traduzidos do japonês e do alemão, mas permanecia incerto de qual língua o texto “*The Bath*” teria sido traduzido. O desfecho é consistente com a proposta inicial:

Aparentemente, ninguém detinha os direitos autorais dessa obra. Talvez não houvesse um manuscrito original desse texto. Se isso fosse possível, então também talvez não houvesse autor para esse

texto. [...] Decide, naquele lugar e naquele momento, desistir de seu tópico de pesquisa antes que aquilo o leve à loucura. Ele não consegue deixar de pensar que o espírito de um autor morto há muito tempo, uma espécie de mononoke do texto, está tentando atormentá-lo com becos sem saída e textos que não existem (TAWADA, 2017, p. 217).

Logo, cada leitor, cada época e cada vivência é capaz de uma nova decodificação, sendo possível que a obra mude tanto a ponto de sequer ser compreensível a determinados olhos e, mesmo assim, não perder a validade. Portanto, pode-se dizer que a escritura segue os princípios de toda a comunicação, compreendida como um *contínuum* marcado pela modificação e pela renovação da linguagem, de modo que não existem rupturas entre línguas, tempos ou formas de compreensão, apenas transformações. Por fim, a interpretação do autor perde a aura de inviolabilidade:

Eu frequentemente recebo e-mails de alunos escrevendo artigos. Eles querem saber, “O que você estava querendo dizer nesse romance?”. Eu sempre digo a eles que o leitor deve pensar menos no que estava tentando ser dito pelo autor/criador, e mais em como abordar essa história ficcional, esses arranhões e cicatrizes, sozinho (TAWADA, 2017, p. 209).

Com esta liberdade que se dá aos textos, pode-se ler a liberdade que devem ter as traduções, considerando-se a proximidade das discussões estéticas sobre a criação literária e a tradução que tanto Tawada como Borges postulam. Ambos os escritores mostram ao leitor como existem muitas possibilidades, muitas versões com idêntico valor ao original. Em seus textos, deixam claro que a existência de toda uma gama inesgotável de possibilidades nunca será negativa, e que nenhum leitor poderá, de qualquer forma, conhecer totalmente um texto original. Tendo isso em vista, a tentativa de um tradutor seria a de transpor o texto em um novo contexto e, para tanto, ele deverá usar a língua de seu próprio tempo e lugar, sem que haja perda ou prejuízo para o novo texto ou para seus leitores.

Considerações finais

Uma primeira observação a ser feita sobre Tawada e sobre Borges é o quanto compreendem a produtividade de se pensar a literatura e a tradução em diálogo ou, ainda mais, quase como facetas uma da outra. As reflexões tratadas neste trabalho buscaram focar as críticas ao conceito de originalidade mantidas pelos autores, considerando que esse conceito, a exigência da fidelidade na tradução, tem estado na base da ideia de inferioridade de textos traduzidos, já que estes seriam sempre cópias

imperfeitas e cheias de perdas de um original, considerado puro ou sagrado. Expondo as fragilidades desse conceito, enfraquecem as teorias dominantes das culturas centrais sobre as periféricas e valorizam a mobilidade dos textos e as produções de diferentes espaços culturais.

A teoria de Borges, explica Waisman (2005), centra-se nos deslocamentos múltiplos, e seus textos recorrem a toda uma gama de trânsitos, sejam eles textuais, linguísticos, temporais, geográficos ou culturais. Seus textos demonstram que mesmo as palavras de um mesmo idioma podem ganhar sentidos inesperados, e que elementos como o tempo, a distância e as traduções podem melhorar um texto, que ganha novos significados e se redimensiona. Da mesma forma, Tawada usa a tradução para questionar a língua e o estar-na-língua, e apresenta uma forma literária de inverter a direção de pensamentos que privilegiam a estabilidade de categorias que historicamente fundamentaram discursos hegemônicos nas epistemologias de línguas majoritárias, tais como “essência”, “natureza”, “origem” e outros nomes metafísicos que envolvem a ideia de identidade em si.

Dessa forma, pode se constatar que literaturas de Tawada como de Borges desafiam os limites da língua, da escrita e da leitura, oferecendo uma forma de ver e entender a tradução não como produto da língua, da escrita e da leitura em seu processo (sempre incompleto e questionável) de interpretação e reformulação, mas como o próprio meio de formulação e relação não apenas entre os idiomas, mas entre tempos, espaços e consciências.

193

Referências/Quelle

A Biblioteca de Babel – Jorge Luis Borges. **Café Literário**, s/d. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/cafeliterario/a-biblioteca-de-babel-jorge-luis-borges>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORGES, Jorge Luis. *La Biblioteca de babel*. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974. p. 465-471.

BORGES, Jorge Luis. *Kafka y sus Precursores*. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974. p. 710-712.

BORGES, Jorge Luis. *Las Versiones Homéricas*. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974. p. 239-243.

BORGES, Jorge Luis. *Las dos maneras de traducir*. **La Prensa**, 1 de agosto de 1926. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012. Disponível em: <<https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc9w123>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

TAWADA, Yoko. *In meinen Poetikvorlesungen werde ich viel über das Wasser sprechen, und der Tsunami kommt auch vor.* In: GUTJAHR, Ortrud (Org.). **Fremde Wasser.** Tübingen: Claudia Gehrke, 2012. p. 17-45.

TAWADA, Yoko. Tawada Yôko não existe. Tradução: Lúcia Collischonn de Abreu. **Translatio**, n. 14, p. 203-217, 2017.

TAWADA, Yoko. **Verwandlungen.** Tübingen: Ed. Claudia Gehrke, 1998.

WAISMAN, Sérgio. **Borges y la Traducción.** Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2005.